



ELEMENTOS NATURAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO: O OLHAR SOBRE O BRINCAR NO JARDIM DOS CURUMINS

NATURAL ELEMENTS AS A PEDAGOGICAL RESOURCE: A PERSPECTIVE ON PLAY IN THE CURUMINS GARDEN

Anatália Athayde Cardoso¹

João Pedro Flores Batista²

Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira³

Maria Eduarda Oliveira De Sousa⁴

Resumo: O presente artigo - Elementos Naturais Como Recursos Pedagógicos: o olhar sobre o brincar no Jardim dos Curumins - objetiva refletir acerca da importância do brincar com materiais naturais, em especial o barro, sendo ele um elemento potencializador do desenvolvimento integral da criança. Este estudo é fundamentado a partir de vivências na Brinquedoteca (Jardim Dos Curumins), um espaço educativo voltado à construção do brincar livre em contato com a natureza, onde se valorizam a exploração e o protagonismo na infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Natureza. Criança. Jardim dos Curumins.

Abstract: This article, titled "Natural Elements as Pedagogical Resources: Perspectives on Play at Jardim dos Curumins," aims to reflect upon the significance of engaging with natural materials, specifically clay, as a potent catalyst for a child's integral development. The study is grounded in experiential practices conducted at the Jardim dos Curumins toy library, an educational space dedicated to the cultivation of free play in direct contact with nature. This environment prioritizes exploration and honors the agency and protagonism of the child during infancy.

Keywords: Early Childhood Education. Nature. Child. Garden of the curumins.

INTRODUÇÃO

Na infância é reconhecido que o brincar é um estruturante e potencializador das práticas pedagógicas. Compreende-se a criança como um ser ativo, que explora e interage com o mundo.



Neste viés, obter contato com elementos naturais acaba por se tornar especialmente significativo, pois se ampliam as possibilidades de novas descobertas.

Essa perspectiva tem trazido orientações para as práticas que são desenvolvidas no Jardim dos Curumins (Brinquedoteca), em que é proposta a criação de espaços educativos voltados à exploração da natureza e à brincadeira livre. No jardim, as crianças são convidadas a interagir com materiais que a própria natureza nos fornece como folhas, galhos, água, sementes e o barro. A partir dessa conexão, vivenciam-se experiências que estimulam a curiosidade, a imaginação e a construção de conhecimentos por meio do corpo em conjunto com a natureza.

Durante as atividades que são realizadas no espaço, é observado que o contato direto das crianças com a natureza desperta brincar criativo e investigação; a criança se coloca como o centro de sua própria brincadeira, desenvolve o seu próprio mundo a partir daquilo que é oferecido: ela pode ser confeiteira, construtora, artista e tudo o que a sua imaginação proporcionar. Ao entrar em contato com a terra, misturar, modelar, manipular e explorar, as crianças experimentam diferentes sensações, criam formas e narrativas próprias. Essas vivências evidenciam como os elementos naturais podem favorecer experiências significativas no desenvolvimento, no qual o brincar se transforma em linguagem de descoberta e expressão.

Além disso, projetos como o Jardim dos Curumins contribuem para resgatar dimensões ancestrais do brincar infantil, marcadas pela relação direta com a natureza e com os materiais simples do cotidiano. Em um contexto contemporâneo, em que a infância tem sido cada dia mais invadida por tecnologias e espaços estruturados, proporcionar momentos de interação com elementos naturais torna-se também uma forma de resgatar e reconectar as crianças com o que há de mais importante: a mãe natureza.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o valor do brincar com o barro no desenvolvimento integral das crianças, considerando suas contribuições para aspectos sensoriais, motores, emocionais e simbólicos no contexto da educação e do desenvolvimento de crianças pequenas.

MÉTODO

O método se consistiu de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. A opção por esse tipo de pesquisa é porque o objeto que estudamos é uma construção histórica, por isso:

o método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que



os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p. 57).

A escolha pela etnografia ocorreu porque o objeto aqui estudado é uma construção social e que, segundo André (1995, p. 41), “a pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. Reconstruir o processo através das lentes da etnografia nos possibilita ir além de um olhar sobre a criança, e, sim, com a criança em seus processos de interação entre pares, nas brincadeiras, nos brinquedos não estruturados e estruturados e com os elementos da natureza (barro, flores, sementes, água e galhos).

Interpretar significados atribuídos à natureza e à brinquedoteca, no contexto em que se refere a importância do desenvolvimento infantil, nos conduziu a uma revisão bibliográfica que foi realizada a partir de seleções de materiais como livros e artigos, que consiste na análise de materiais já publicados sobre determinado tema escolhido.

Para a construção desse trabalho, utilizamos como fonte de inspiração e referência a obra “Feito Barro”, de Laís Blanco e Paula Franco (2005), que aborda reflexões sobre a infância, a natureza e o barro como algo imprescindível durante a infância. A justificativa para a escolha dessa obra é porque apresenta uma percepção sensível em relação ao contato das crianças com a natureza, entendendo o barro não apenas como um material natural, mas sim como uma linguagem de descobertas na infância.

A utilização do livro como uma das bases teóricas, permitiu analisar diferentes ideias, questionamentos e vivências construídas no jardim dos Curumins, que contribuem para a compreensão de como o contato com a terra pode favorecer processos criativos, sensoriais e expressivos nas crianças. A obra de Laís Blanco e Paula Franco (2005) nos permitiu ampliar a compreensão sobre a importância de (projetos) com materiais naturais na infância, confirmando o potencial do barro como um recurso pedagógico que estimula a imaginação, a criatividade, os sentidos e o desenvolvimento das crianças.

O universo da pesquisa abrangeu um número de 80 crianças com idades que variavam entre 4 a 6 anos e que frequentam a rede municipal de ensino de Mineiros – GO, que estão na pré-escola. Como instrumentos nos utilizamos da observação participante, de filmagem, fotos e diários de campo durante os momentos em que as crianças estavam no Jardim dos Curumins.



A INFÂNCIA E O BRINCAR COMO LINGUAGEM PRIMORDIAL

O brincar constitui uma linguagem mais *in* natura e potente da criança para interpretar, ressignificar e apropriar-se do mundo, uma vez que o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, que possibilita à criança compreender, representar e reconstruir a realidade (KISHIMOTO, 2011, p. 37). A criação de situações imaginárias no brincar favorece a separação entre significado e objeto, constituindo um fundamento essencial do pensamento simbólico. A partir dessa visão, nota-se que a criança é um ser dotado de genialidade, que está sempre atento a tudo em sua volta, uma vez que a mesma reconstrói com genialidade a realidade está inserida, ou seja, se ver sua mãe fazendo comida nas panelas ou seu pai construindo algo, a criança provavelmente tentará constituir aquilo que vivência no seu contato com a brincadeira no barro. A criança é dotada de inteligência e atenção, através de suas brincadeiras, nota-se que nada passa despercebido diante de seus olhos. Com isso, ressalta-se a importância de fazê-la se sentir segura e bem acolhida a um ambiente onde ela poderá exercer o direito e a sua função de ser criança diante de todas as suas vertentes.

Nesse sentido, o brinquedo permite à criança agir para além do imediato, reorganizando experiências e elaborando sentidos sobre o mundo vivido, visto que, no brincar, ela atua em um nível de desenvolvimento superior ao comportamento cotidiano (VYGOTSKY, 1998, p. 134).

Entre as múltiplas possibilidades do brincar, o contato com elementos naturais, como o barro, revela-se especialmente potente por mobilizar simultaneamente dimensões sensoriais, cognitivas e afetivas do desenvolvimento infantil. O barro, enquanto material não estruturado, aberto à transformação, convida a criança à experimentação livre, favorecendo processos criativos e investigativos. Ao exercer o contato com o barro, a criança abre o mundo de possibilidades, ali ela poderá construir e desconstruir. O barro convida a criar, a fazer muito, com ele as possibilidades são infinitas. Os materiais não estruturados e naturais, possibilitam que a criança crie, algo fundamental para o seu desenvolvimento, com o barro, a criança descobre um mundo cheio de possibilidades. Até o mínimo toque transforma, cada gesto cria, cada interação conta uma história. Entre sujeiras e descobertas, nasce um aprendizado atento e sensível, em que o “Fazer com as mãos” também é “Fazer com o coração”.

Para Malaguzzi, a criança constrói conhecimento por meio das múltiplas linguagens expressivas que emergem da relação ativa com os materiais e com o ambiente, sendo esses mediadores fundamentais da aprendizagem (MALAGUZZI, 1999, p. 61).



Ao manipular o barro, a criança explora texturas, temperaturas, resistências e formas, experienciando o conhecimento por meio do corpo e da ação. Tal experiência dialoga com a perspectiva walloniana, na qual o desenvolvimento infantil ocorre pela integração entre movimento, emoção e pensamento, sendo a ação concreta sobre o meio elemento estruturante da construção psíquica (WALLON, 2007, p. 58). Assim, o brincar com barro não se limita à produção de objetos, mas constitui um processo de expressão emocional e organização interna da experiência. Nesse processo, o contato com o barro acaba por exercer uma função importante de dar voz a criança: ali ela pode se expressar, dizer quem é e o que pensa. Por muitas vistas como quem não tem voz ou com opiniões que não devem contemplar seriedade, a natureza vem para mostrar que a criança, como qualquer outra pessoa, também deve ser vista, lembrada, ouvida e levada a sério. Quando não se há espaço para diálogo, para falar ou se expressar, se dá lugar para uma zona de desconforto, de retraimento e violentação a ideias que poderiam ser ouvidas e contempladas.

Ademais, os materiais naturais favorecem experiências menos dirigidas e mais autorais, permitindo que a criança atribua significados próprios às suas criações. Com suas próprias mãos as crianças são capazes de criar o seu brincar, não existe direção, existe vontade de exercer aquilo que naturalmente são delas, de fazer aquilo que nunca deveria ser retirado da infância com materiais já pré-estabelecidos e estruturados que norteiam como as crianças devem fazer o seu próprio brincar. Segundo Froebel, o aprendizado infantil acontece quando a criança age criativamente sobre a matéria, transformando-a e, simultaneamente, transformando a si mesma no processo educativo (FROEBEL, 2001, p. 47). O barro, nesse contexto, apresenta-se como elemento pedagógico possante por possibilitar liberdade criadora, imaginação e autonomia. De tal maneira, esse material possibilita infinitas possibilidades, afinal, o barro dá para a criança inúmeras vertentes do que ela pode ser e o que pode criar, instiga a imaginação e suas infinitas possibilidades.

Desse modo, o brincar com barro reafirma a infância como tempo de investigação sensível e produção simbólica, no qual aprender não se separa do sentir, do experimentar e do criar. Ao oferecer experiências concretas e abertas, o barro amplia as formas de expressão infantil e fortalece o brincar como linguagem primordial da infância, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança em suas dimensões cognitiva, emocional, social e estética. Instigar a infância juntamente com o barro multiplica as inúmeras possibilidades, possuir contato com a natureza mexe no interior do ser, mostra-nos o cuidado que devemos ter, o olhar sensível que a criança deve construir desde a infância e levar consigo até as suas últimas fases



de vida. Sentir se faz necessário para a formação de sujeitos de respeito, para que respeitem o espaço do outro e, acima de tudo, para que respeitem o seu próprio limite.

Ao brincar com o barro, a criança não tem disputa de brinquedos, todos brincam com um único objetivo: produzir algo que só a imaginação infantil pode trazer, mesmo que seja efêmero, mas fica forte na lembrança delas. Uma vez que o tempo da criança não é o mesmo do adulto, a criança não carrega consigo o tempo Cronos; o tempo dela é o do barro, o qual fica úmido e cria formas, seca e finaliza, de forma que a criança o desmancha levando tudo ao início do ciclo numa brincadeira única e tão simples. O barro é mutável, ele em um só material se torna várias possibilidades, carrega consigo o papel de ser aquilo que querem que ele seja, uma casa, um bolo e até mesmo uma casa. O tempo do barro é precioso, ele ensina, ele mostra, ele instiga e constrói tudo o que quiserem que ele seja.

A MATERIALIDADE DO BARRO: ENTRE O SENSORIAL E O SIMBÓLICO

A manipulação do barro no Jardim dos Curumins revela-se uma experiência estética e investigativa que transcende a simples modelagem. Ao tocar a terra úmida, a criança é convocada a uma interação multissensorial em que o peso, a temperatura e a plasticidade do material impõem desafios constantes ao corpo e à mente. Essa relação direta com a matéria-prima bruta permite que a criança explore e transforme, percebendo que sua ação no mundo gera resultados concretos. Como aponta Gaston Bachelard, o trabalho das mãos sobre a matéria maleável permite um devaneio da vontade, em que o criador e a criatura se moldam mutuamente no ato de dar forma (BACHELARD, 2003, p. 82). É através do barro que a criança terá contato com o maleável. Durante o brincar, ela conseguirá reproduzir, criar e imaginar várias coisas com este elemento; junto do brincar, ele consegue trazer essa experimentação de sensações de texturas, cheiros e temperaturas, unindo o sensorial.

No contexto pedagógico, o barro atua como um material não estruturado de alto potencial. Diferente de brinquedos industriais com funções pré-definidas, ele não dita uma regra única, exigindo que a criança mobilize sua criatividade para conferir sentido à massa disforme. Essa abertura favorece a passagem do plano sensorial para o plano simbólico, pois o punhado de barro ora é alimento em uma cozinha imaginária, ora é o tijolo de uma construção. Depois desse ponto, nesse sentido, a criança exercita a capacidade de delegar significados, transitando entre a imaginação e o concreto. O barro, por sua natureza maleável, acompanha esse processo dinâmico, elaborando experiência e a compreensão de mundo. Segundo Maria da Graça Horn, a oferta de elementos naturais e materiais de largo alcance na Educação Infantil potencializa a



autonomia, uma vez que o protagonismo da criança se manifesta na escolha, na manipulação e na ressignificação autêntica dos objetos (HORN, 2017, p. 54).

É de suma importância que a criança tenha contato essas diversidades de materiais para que ela consiga ter novas experiências e vivências, o barro se torna um material que nos traz uma grande diversidade quando se trata do trabalho manual. Durante a convivência com as crianças do nosso jardim, foi possível notar as diversas maneiras em que elas criaram e recriaram o barro, utilizando de diversos materiais para conseguir desenvolver as atividades.

As observações realizadas no cotidiano da Brinquedoteca demonstram que o contato com o barro e a natureza promovem regulação, curiosidade e concentração nas crianças que ali vão. A natureza tátil da argila exige um tempo próprio, o tempo do amassar e do reumedecer, o que contrapõe a velocidade das interações digitais. Essa imersão dialoga com a perspectiva de Jorge Larrosa sobre a experiência, definindo-a não como o que se passa, mas como o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LARROSA, 2014, p. 18). Assim, o barro deixa de ser apenas recurso didático para se tornar mediador de vivências fundamentais trazendo para criança uma experiência longe das telas e mais próximo ao verde.

A DIMENSÃO INVESTIGATIVA E O PROTAGONISMO NO JARDIM DOS CURUMINS

As experiências no Jardim dos Curumins evidenciam que o brincar com elementos naturais consolida um espaço de investigação científica e poética. Ao misturar a terra com a água, as crianças realizam hipóteses sobre densidade e viscosidade, transformando o espaço da Brinquedoteca em um laboratório vivo. No livro *Feito Barro*, as autoras Lais Blanco e Paula Franco destacam que essa interação permite que a criança se reconheça como criadora, transformando um elemento da natureza em uma extensão de sua própria imaginação e expressão no mundo (BLANCO; FRANCO, 2025, p. 12).

Esse cenário de livre exploração reforça o papel do educador como um observador atento que garante a segurança sem castrar a curiosidade. O barro, por ser um elemento que permite o sujar-se, rompe com a rigidez de ambientes escolares excessivamente controlados. Conforme Blanco e Franco (2025, p. 28) reforçam, o contato direto com a terra resgata a organicidade do aprender, permitindo que a criança explore suas potências sensoriais de forma plena e autoral. Visando a isso, conseguimos trazer esse desemparedamento para tais crianças, que vivem nessa rigidez escolar, de maneira que o nosso jardim consegue levá-las a um lugar verde e que as incentiva em seu protagonismo e o livre arbítrio no criar e no experienciar. O



ambiente, nesse sentido, atua como um provocador de diálogos que oferece ferramentas para que as cem linguagens da criança floresçam livremente (GANDINI, 1999, p. 138).

Dessa maneira, a prática observada no Jardim dos Curumins não apenas valida o barro como suporte artístico, mas como um direito da criança ao contato com a natureza. A experiência de modelar a terra é a experiência de organizar o pensamento através do fazer manual. As marcas deixadas no barro são registros simbólicos de uma infância que reivindica seu tempo de ser e estar no mundo.

O Jardim dos Curumins oportuniza aos bebês e as crianças que ali vão para brincar, serem protagonistas, mostrar suas agências sociais e, mais do que isso, esse é um espaço o qual elas possam mostrar toda sua inteireza e existirem como seres individuados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao receber os bebês e as crianças da rede pública de ensino, pudemos presenciar diversas vezes como a brincadeira com o barro promove a interação das crianças, porque é o momento em que trabalham coletivamente, ora se unindo para fazer um bolo gigante, ora uma estrada, uma montanha e até mesmo formas que só a criatividade da criança pode nos afortunar. Quando um começa a brincadeira, todos se envolvem e, quando acaba, “por que não construirmos outra coisa do começo?” Isso mostra como o tempo da criança não é o mesmo que o nosso, o tempo delas é aquele que molha a terra, a molda e espera para secar e ver o que surgiu de toda sua escultura. O nosso tempo é ordenado pelo relógio, não conseguimos admirar a beleza do tempo da criança e não enxergamos a beleza do brincar em sua essência.

Vivemos em um mundo onde o tempo corre e corremos para alcançar o tempo. Temos sempre que nos adequar, ao invés de aprendermos com elas. No jardim, conseguimos observar como o tempo é diferente para o professor e para as crianças, onde de forma primorosa a criança desenvolve seu brincar em conjunto, sentindo aromas, cheiros, texturas, temperaturas e desenvolvimento todos os seus âmbitos em uma brincadeira que nós, adultos, apenas enxergamos como sujeira. A criança amplia sua sociabilidade e aprende a viver no coletivo, vai explorando junto a seus colegas em uma brincadeira que ficará em sua memória. Sabe por quê? Porque a criança é um ser da natureza e a terra transformada em barro é a sua matéria prima mais sublime.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLANCO, Lais; FRANCO, Paula. Feito Barro. São Paulo: Editora Diálogos, 2025.

GANDINI, Lella. Espaços educacionais e de participação. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HORN, Maria da Graça Souza. Brincar e interagir: paisagens da educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FROEBEL, Friedrich. A educação do homem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.